

DOMINGO XXXIII DO TEMPO COMUM

CIC 1038-1050: o Juízo final, a esperança dos novos céus e da nova terra

1038 A ressurreição de todos os mortos, «justos e pecadores» (*Act* 24, 15), há-de preceder o Juízo final. Será «a hora em que todos os que estão nos túmulos hão-de ouvir a sua voz e sairão: os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida, e os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de condenação» (*Jo* 5, 28-29). Então Cristo virá «na sua glória, com todos os seus anjos [...]. Todas as nações se reunirão na sua presença e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. [...] Estes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna» (*Mt* 25, 31-33.46).

1039 É perante Cristo, que é a Verdade, que será definitivamente posta a descoberto a verdade da relação de cada homem com Deus¹. O Juízo final revelará, até às suas últimas consequências, o que cada um tiver feito ou deixado de fazer de bem durante a sua vida terrena:

«Todo o mal que os maus fazem é registado – e eles não o sabem. No dia em que “Deus virá e não se calará” (*Sl* 50, 3) [...]. Então, Ele Se voltará para os da sua esquerda: “Na terra, dir-lhes-á, Eu tinha posto para vós os meus pobrezinhos. Eu, Cabeça deles, estava no céu sentado à direita do Pai – mas na terra os meus membros tinham fome; o que vós tivésseis dado aos meus membros, teria chegado à Cabeça. Quando Eu coloquei os meus pobrezinhos na terra, constituí-os vossos portadores para trazerem as vossas boas obras ao meu tesouro. Vós nada depositastes nas mãos deles; por isso nada encontrastes em Mim”»².

1040 O Juízo final terá lugar quando acontecer a vinda gloriosa de Cristo. Só o Pai sabe o dia e a hora, só Ele decide sobre a sua vinda. Pelo seu Filho Jesus Cristo, Ele pronunciará então a sua palavra definitiva sobre toda a história. Nós ficaremos a saber o sentido último de toda a obra da criação e de toda a economia da salvação, e compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais a sua providência tudo terá conduzido para o seu fim último. O Juízo final revelará como a justiça de Deus triunfa de todas as injustiças cometidas pelas suas criaturas e como o seu amor é mais forte do que a morte³.

1041 A mensagem do Juízo final é um apelo à conversão, enquanto Deus dá ainda aos homens «o tempo favorável, o tempo da salvação» (*2 Cor* 6, 2). Ela inspira o santo temor de Deus, empenha na justiça do Reino de Deus e anuncia a «feliz

¹ Cf. *Jo* 12, 48.

² SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 18, 4, 4: CCL 41, 247-249 (PL 38, 130-131).

³ Cf. *Ct* 8, 6.

esperança» (*Tt 2, 13*) do regresso do Senhor, que virá «para ser glorificado nos seus santos, e admirado em todos os que tiverem acreditado» (*2 Ts 1, 10*).

1042 No fim dos tempos, o Reino de Deus chegará à sua plenitude. Depois do Juízo final, os justos reinarão para sempre com Cristo, glorificados em corpo e alma, e o próprio universo será renovado:

Então a Igreja alcançará «na glória celeste, a sua realização acabada, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas e, quando, juntamente com o género humano, também o universo inteiro, que ao homem está intimamente ligado e por ele atinge o seu fim, for perfeitamente restaurado em Cristo»⁴.

1043 A esta misteriosa renovação, que há-de transformar a humanidade e o mundo, a Sagrada Escritura chama «os novos céus e a nova terra» (*2 Pe 3, 13*)⁵. Será a realização definitiva do desígnio divino de «reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há nos céus e na terra» (*Ef 1, 10*).

1044 Neste «mundo novo»⁶, a Jerusalém celeste, Deus terá a sua morada entre os homens. «Há-de enxugar-lhes dos olhos todas as lágrimas; a morte deixará de existir, e não mais haverá luto, nem clamor, nem fadiga. Porque o que havia anteriormente desapareceu» (*Ap 21, 4*)⁷.

1045 *Para o homem*, esta consumação será a realização final da unidade do género humano, querida por Deus desde a criação e da qual a Igreja peregrina era «como que o sacramento»⁸. Os que estiverem unidos a Cristo formarão a comunidade dos resgatados, a «Cidade santa de Deus» (*Ap 21, 2*), a «Esposa do Cordeiro» (*Ap 21, 9*). Esta não mais será atingida pelo pecado, pelas manchas⁹, pelo amor próprio, que destroem e ferem a comunidade terrena dos homens. A visão beatífica, em que Deus Se manifestará aos eleitos de modo inesgotável, será a fonte inexaurível da felicidade, da paz e da mútua comunhão.

1046 *Quanto ao cosmos*, a Revelação afirma a profunda comunidade de destino entre o mundo material e o homem:

«Na verdade, as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus [...] com a esperança de que as mesmas criaturas sejam também libertadas da corrupção que escraviza [...]. Sabemos que toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade. E não só ela, mas também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adopção filial e a libertação do nosso corpo» (*Rm 8, 19-23*).

1047 Assim, pois, também o universo visível está, destinado a ser transformado, «a fim de que o próprio mundo, restaurado no seu estado primitivo, esteja sem mais nenhum obstáculo ao serviço dos justos»¹⁰, participando na sua glorificação em Jesus Cristo ressuscitado.

⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

⁵ Cf. *Ap 21, 1*.

⁶ Cf. *Ap 21, 5*.

⁷ Cf. *Ap 21, 27*.

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

⁹ Cf. *Ap 21, 27*.

¹⁰ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* 5, 32, 1: SC 153, 398 (PG 7, 1210).

1048 «Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude, e também não sabemos como é que o universo será transformado. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reinará a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens»¹¹.

1049 «A expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes activar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra onde cresce o corpo da nova família humana, que já consegue apresentar uma certa prefiguração do mundo futuro. Por conseguinte, embora o progresso terreno se deva cuidadosamente distinguir do crescimento do Reino de Cristo, todavia, na medida em que pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, interessa muito ao Reino de Deus»¹².

1050 «Pois todos os bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, ou seja, todos os frutos excelentes da natureza e do nosso esforço, depois de os termos propagado pela terra, no Espírito do Senhor e segundo o seu mandato, voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o Reino eterno e universal»¹³. Então, Deus será «tudo em todos» (1 Cor 15, 28), na *vida eterna*:

«A vida subsistente e verdadeira é o Pai que, pelo Filho e no Espírito Santo, derrama sobre todos sem excepção os dons celestes. Graças à sua misericórdia, também nós, homens, recebemos a promessa indefectível da vida eterna»¹⁴.

CIC 613-614, 1365-1367: a morte de Cristo é o sacrifício único e definitivo; a Eucaristia

613 A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o *sacrifício pascal* que realiza a redenção definitiva dos homens¹⁵ por meio do «Cordeiro que tira o pecado do mundo»¹⁶, e o *sacrifício da Nova Aliança*¹⁷ que restabelece a comunhão entre o homem e Deus¹⁸, reconciliando-o com Ele pelo «sangue derramado pela multidão, para a remissão dos pecados»¹⁹.

614 Este sacrifício de Cristo é único, leva à perfeição e ultrapassa todos os sacrifícios²⁰. Antes de mais, é um dom do próprio Deus Pai: é o Pai que entrega o seu Filho para nos reconciliar consigo²¹. Ao mesmo tempo, é oblação do Filho

¹¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1056-1057.

¹² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057.

¹³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057; cf. ID, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 5-6.

¹⁴ SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses illuminandorum* 18, 29: *Opera*, v. 2, ed. J. RUPP (Monaci 1870) p. 332 (PG 33, 1049).

¹⁵ Cf. 1 Cor 5, 7; Jo 8, 34-36.

¹⁶ Cf. Jo 1, 29; 1 Pe 1, 19.

¹⁷ Cf. 1 Cor 11, 25.

¹⁸ Cf. Ex 24, 8.

¹⁹ Cf. Mt 26, 28; Lv 16, 15-16.

²⁰ Cf. Heb 10, 10.

²¹ Cf. 1 Jo 4, 10.

de Deus feito homem, que livremente e por amor²² oferece a sua vida²³ ao Pai pelo Espírito Santo²⁴ para reparar a nossa desobediência.

1365 Porque é o memorial da Páscoa de Cristo, a *Eucaristia é também um sacrifício*. O carácter sacrificial da Eucaristia manifesta-se nas próprias palavras da instituição: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós» e «este cálice é a Nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós» (*Lc 22, 19-20*). Na Eucaristia, Cristo dá aquele mesmo corpo que entregou por nós na cruz, aquele mesmo sangue que «derramou por muitos em remissão dos pecados» (*Mt 26, 28*).

1366 A Eucaristia é, pois, um sacrifício, porque *representa* (torna presente) o sacrifício da cruz, porque é dele o *memorial* e porque *aplica* o seu fruto:

Cristo «nosso Deus e Senhor [...], ofereceu-Se a Si mesmo a Deus Pai uma vez por todas, morrendo como intercessor sobre o altar da cruz, para realizar em favor deles [homens] uma redenção eterna. No entanto, porque após a sua morte não se devia extinguir o seu sacerdócio (*Heb 7, 24-27*), na última ceia, “na noite em que foi entregue” (*1 Cor 11, 13*), [...] Ele [quis deixar] à Igreja, sua esposa bem-amada, um sacrifício visível (como o exige a natureza humana), em que fosse representado o sacrifício cruento que ia realizar uma vez por todas na cruz, perpetuando a sua memória até ao fim dos séculos (*1 Cor 11, 23*) e aplicando a sua eficácia salvífica à remissão dos pecados que nós cometemos cada dia»²⁵.

²² Cf. *Jo 15, 13*.

²³ Cf. *Jo 10, 17-18*.

²⁴ Cf. *Heb 9, 14*.

²⁵ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22ª, *Doctrina de ss. Missae Sacrificio*, c. 1: DS 1740.